

## **RESISTÊNCIA E CRIAÇÃO PARA ALÉM DA SEXUALIDADE NA MÍDIA: SUBJETIVIDADES DANÇANTES EM UMA EXPERIÊNCIA COMUNITÁRIA**

Alejandra Astrid León Cedeño \*  
Paulo Roberto de Carvalho

### **Introdução**

De acordo com Deleuze (1992), atualmente a sociedade está passando por um processo de transição da chamada sociedade disciplinar à sociedade de controle, com todas as instituições disciplinares em crise: a família, a escola, a fábrica, a prisão, o hospital, o manicômio. Seguindo o autor, em sua leitura foucaultiana, a prisão foi o ícone do funcionamento destas instituições que historicamente buscavam disciplinar os corpos, tornando-os dóceis e produtivos para o funcionamento social, ou isolando-os quando não mais eram produtivos ou obedientes.

A partir do pós-guerra, as sociedades contemporâneas vêm mudando e desenhando estratégias de controle cada vez mais sutis com formas brutais de dominação. Em tal transição, não se sabe ao certo para onde vão as instituições disciplinares como a família e a escola. Nesse contexto de crise, em que já não se sabe muito bem o que fazer com as crianças e a responsabilidade por elas tende a diluir-se, a ser mais difusa e confusa, a TV e outras formas de mídia hegemônica são grandes educadoras da infância e da adolescência brasileira. Com isso, a indústria cultural tem as portas abertas nos lares de milhões de crianças de todas as classes sociais.

No âmbito da música, os grandes empresários da indústria cultural, bem como as pessoas que integram toda a complexa rede que a constitui, tendem a privilegiar a transmissão massiva de sons repetitivos e pouco criativos, bem como letras ora banais e simplórias, ora explícitas e descarnadamente sexualizadas. Estas letras e músicas, veiculadas até o cansaço nas periferias brasileiras (mas não só nelas), passam a formar parte do cotidiano das crianças. Estilos como o sertanejo e o funk são cotidianamente escutados por elas, apesar de que as mensagens das mesmas, a princípio, não são dirigidas ao público infantil.

Na última década, é de destaque a transmissão e disseminação massiva da música e os bailes "funk", extremamente sexualizados, que estão presentes na periferia

de boa parte do Brasil. Estes propiciam transas ou quase transas coletivas e influenciam na aceleração da sexualização de crianças e adolescentes, provavelmente sem maturidade a respeito do que estão fazendo. Além disso, as letras de diversas canções fazem referência explícita à violência contra a mulher e a colocam como objeto sexual, o que ultimamente vem acontecendo nos mais diversos gêneros musicais transmitidos em massa. Diversas músicas desse estilo que são cantadas por mulheres também fazem referência explícita e detalhada ao ato sexual.

Em Londrina, bem como em outras partes do país, encontramos também a relação com das crianças e adolescentes com os gêneros musicais veiculados massivamente, como por exemplo o funk e o sertanejo, nas suas vertentes eróticas e sexuais. Deparamo-nos em diversas ocasiões com estes gêneros em uma experiência de trabalho coletivo em uma associação cultural de bairro. E pensamos que essa situação seria passível de ser pensada à luz do que se propõe o projeto de pesquisa "Mídia e sexualidade: implicações na subjetividade contemporânea", da Universidade Estadual de Londrina. Tal projeto de pesquisa visa produzir uma análise sobre as transformações pelas quais passam as sociedades hoje, sob efeito do aparato tecnológico dos meios de comunicação de massa. O estudo busca colocar em evidência o alcance que os referidos meios possuem nos processos de subjetivação, ou seja, na constituição do psiquismo, esperando-se estabelecer relações entre os efeitos produzidos pela mídia na subjetividade e o exercício da sexualidade nas sociedades contemporâneas.

Como esta experiência foi da prática para a teoria, estudando no cotidiano a relação das crianças com os ritmos eróticos veiculados pela grande mídia, fomos construindo um processo de pesquisa e ação para entendermos a relação (que aparentemente havia) entre a exposição das crianças a estes gêneros e a apresentação, por parte delas, de danças e músicas deste tipo. A sexualidade das crianças estava aflorando precocemente? Ou elas estavam dando uma dimensão lúdica e divertida àquelas danças, sem maiores consequências no exercício da sexualidade? E mais: já que elas chegaram justamente a um espaço de dança do ventre que trabalha criticamente as questões feministas, surgiu a pergunta: será que nossa ação com as crianças -via dança do ventre e conversa- pode gerar uma redução de danos do que elas estão vivendo como acesso à cultura, e que é enormemente massificado e sexual?

Mas para entender melhor esta história, convém explicar mais detalhadamente onde a mesma se desenvolve e como chegamos a ela. A história ocorre em uma singular e potente associação cultural na periferia de Londrina.

A Associação Ciranda da Cultura é um centro comunitário artístico, fundado e gerido por moradoras e moradores de um bairro londrinense. Desde 1999, funciona fazendo eventos festivos, culturais e organizativos, além de oficinas artísticas e de saúde que estão a cargo de pessoas do bairro, amigos de outros bairros e através da reivindicação e obtenção de políticas públicas que são executadas cotidianamente ali (via parcerias com a unidade básica de saúde e com a Universidade Estadual de Londrina). É um espaço libertário e autogerido, em que todas as pessoas que ali estão vão porque assim o desejam: não se cobra dinheiro de ninguém para participar nas atividades, ninguém recebe pagamento, não se paga aluguel e a casa que sedia a associação foi cedida em comodato pelo dono, desde que tenha uso social. Ciranda funciona sem nenhum financiamento externo e sem a interferência de nenhum partido político.

Faz 7 anos, na associação se desenvolve uma oficina de alongamento e atividades de fisioterapia, que eles conseguiram com a UBS da região. Faz 4 anos acontece uma oficina de dança do ventre (ministrada por Alejandra, uma das autoras do presente texto), a partir da qual foram criadas ou recriadas várias oficinas que funcionam atualmente. Essa experiência de dança começou a pedido de uma jovem mãe que morava no bairro e, durante 3 anos, foi protagonizada por lideranças comunitárias que reivindicaram ter um "espaço sagrado" para elas. Entre todas construímos um processo participativo, entrelaçando a dança e a conversa como dois momentos de um mesmo processo, construindo espaços de ajuda mútua, discutindo belezas e conflitos vinculados às mulheres que cuidam da casa e dos filhos, que também trabalham fora de casa e se ocupam da organização comunitária. Aprendendo com elas e escutando-as, Alejandra começou a repensar a psicologia comunitária na qual foi formada (León Cedeño, 2010) e a propor práticas baseadas no cotidiano, enraizadas no corpo e de corte artístico.

Depois de três anos deste processo feminista de dança, em 2011 chegou um agrupamento de crianças e pré-adolescentes a ocupar (o como diz o Movimento Okupa

no Estado Espanhol, "okupar") esse espaço. E o "okuparam" mesmo, trazendo à oficina de dança uma potência imensa e caótica. As atuais alunas, além da coordenadora do Ciranda, que dança desde 2008, são crianças subjetivadas no funk e no sertanejo, que escutam este tipo de música no seu cotidiano e que espontaneamente, especialmente no período em que chegaram à oficina, faziam passos eróticos desses gêneros musicais no espaço de dança do ventre. São crianças com uma grande exposição à grande mídia comercial, e que sofrem o efeito do que Deleuze (1992), citado acima, denomina como a crise das instituições disciplinares. No cotidiano das meninas, elas vivenciam em maior ou menor medida a chamada implosão da família nas periferias brasileiras, seja porque os pais faleceram, porque precisam estar longe por diversas razões ou porque não sabem o que fazer com elas e reproduzem dinâmicas familiares sofridas que eles mesmos viveram na infância.

No convívio com as crianças, estas começaram a nos passar a impressão de se sentirem "invisíveis" e quererem ficar visíveis das formas que tinham à mão ali: fazendo passos de funk na frente do espelho e das outras meninas, usando bastante tempo para vestir a roupa e fazer a maquiagem característica das danças árabes, e saindo do Ciranda para que as outras pessoas as vissem arrumadas. Além disso, elas demandaram abertamente ocupar o espaço de dança do ventre da associação e ter, ali, um espaço de "maternagem" e cuidado, misturado com sua autonomia potente e desordenada (na dança e na vida).

Um dia, querendo demonstrar alegria e carinho no espaço da oficina, decidiram mostrar um presente: pegaram os tambores da associação e apresentaram coletivamente duas músicas e duas coreografias. Estas eram crua e explicitamente sexuais, inadequadas, ao nosso ver, para crianças de 6 a 11 anos. Perguntamo-nos então: como as crianças estão recebendo as mensagens hipersexualizadas da mídia? O que fazer com essa exposição constante?

### **Objetivos**

A partir da situação exposta acima, além de entendermos melhor os efeitos da mídia erotizada na subjetividade das crianças, tivemos como objetivo geral pesquisar e agir na construção coletiva de formas de resistência e criação das quais as crianças do

Ciranda pudessem se apropriar, em meio ao cotidiano de hipersexualidade na mídia e a sexualização precoce da infância.

Como objetivos específicos nos propusemos:

-Compreender os sentidos das músicas e danças sexualizadas para as crianças que participam dos espaços de dança do ventre na Associação Ciranda da Cultura

-Construir espaços de discussão e posicionamento crítico perante a banalização da sexualidade e a violência contra mulheres e meninas

-Construir coletivamente espaços em que as crianças possam se sentir visíveis, de modo a resistir aos apelos de entrega "crua" do corpo criando alternativas em que as crianças tivessem a oportunidade de se sentir importantes e reconhecidas; e

-Estimular o sentimento de as crianças serem protagonistas da sua própria história e da história do bairro (concretizando a metáfora de escolher ser heroína em vez de vítima perante os golpes da vida).

Fica claro, assim, que optamos por fazer uma pesquisa engajada, posicionada politicamente, em que, não partimos da premissa de que iríamos "descobrir" aspectos da subjetividade contemporânea utilizando-nos de uma postura neutra. Diferentemente, conectamo-nos parcialmente com as crianças que chegaram ao Ciranda e, a partir de uma situação que nos afetava, fomos convivendo e construindo "conhecimentos situados" junto com elas. O processo de conhecimento se deu na conexão que estabelecemos e, nesta, provavelmente ocorreram transformações das diferentes posições envolvidas (Haraway, 1995).

### **Método e resultados neste processo**

O olhar teórico-metodológico que guiou este trabalho (ainda em andamento) se localizou na psicologia comunitária do cotidiano (León Cedeño, 2012), já que combinou a conversa corriqueira nos diversos lugares do bairro ou de fora dele com ações artísticas e midiáticas com viés comunitário e participativo, usando de forma não ortodoxa (mais lenta e baseada no cotidiano) as fases da pesquisa-ação participante, que

foram sistematizadas por Montero (1984) como familiarização, sensibilização, detecção de necessidades, priorização, realizações e devolução sistemática da informação (e que as pessoas interessadas podem ler de forma mais detalhada em León Cedeño, 2012).

Este método, processual e denso, se posicionou no marco metodológico do que Mary Jane Spink (2007) denomina "pesquisa no cotidiano", referindo-se a sermos partícipes do fluxo de ações que se desenrolam em espaços de convivência mais ou menos públicos. Neste caso, estávamos vinculados à Associação Ciranda da Cultura e, a partir dessa conexão, fomos conversando e agindo no local da associação, no quintal, no muro, na pracinha, na academia ao ar livre, na rua, na praça, na casa de algumas crianças. Seguindo a proposta da autora, buscamos pesquisar *no* cotidiano fazendo parte dele. Em vez de pesquisar *o* cotidiano, estabelecendo a clássica separação entre o pesquisador e seu objeto de pesquisa, construímos "conhecimentos situados" através das nossas conexões parciais com as crianças, adolescentes e adultos que frequentam o Ciranda, bem como com familiares e vizinhos destes, procurando trabalhar com uma "objetividade encarnada" (Haraway, 1995).

Com clara influência da discussão de Peter Spink (2003) sobre pesquisa de campo em Psicologia Social, usamos múltiplos métodos neste processo comunitário. Conversamos no cotidiano (Spink, 2008) e, a partir desse processo de conversas, danças e demais atividades do Ciranda, estamos construindo, junto com pessoas do bairro, estagiários da UEL, psicólogos já formados e as mesmas crianças, uma série de opções nas quais as crianças pudessem se sentir visíveis e importantes, em três frentes que surgiram da necessidade de adultas e crianças do Ciranda. Foram elas:

- a) Atividades criativas para crianças e pré-adolescentes na Associação Ciranda da Cultura, em que elas pudessem se expressar de diversas maneiras e inventar novas formas de vida;
- b) Eventos ou microeventos dentro e fora do bairro em que as crianças se apresentassem coletivamente; e
- c) Elaboração de curta-metragens sobre as atividades das crianças, a partir de cuja transmissão e discussão elas pudessem se ver e se escutar, e nas quais fossem vistas e

escutadas por diversas pessoas do bairro e de fora dele (inclusive em outras cidades e países, como acontece no contexto dos congressos de psicologia social).

A seguir, descreveremos a forma como exercemos estas atividades.

Primeiramente, as conversas no cotidiano como forma de pesquisa (Spink, 2008) nos permitiram avançar na compreensão dos sentidos das músicas eróticas para as crianças neste local, mas não unicamente isso. Fomos conhecendo as crianças e estabelecendo conexões cada vez mais fortes com elas, conhecendo o que sonham e desejam, contando a elas o que sonhamos e desejamos, construindo espaços de concretização desses sonhos. Conversando no cotidiano vamos entendendo como as crianças vivem, o que fazem, o que gostam de fazer e o que não gostam (e às vezes fazem por obrigação, como o serviço de casa no caso das meninas), suas diversões, a música que escutam, sua família, sua escola, suas dores e alegrias.

Quanto às três frentes das ações no Ciranda, podemos dizer que:

a) As atividades alternativas na Associação Ciranda da Cultura são oficinas criativas que atualmente acontecem todos os dias. Nelas, as crianças podem se expressar de diferentes formas e têm contato com opções distintas das veiculadas midiaticamente pela indústria cultural. Tais ações vão sendo construídas e reconstruídas a partir do contato com as pessoas que fazem cada oficina. Elas surgiram a partir de pedidos de duas mulheres do Ciranda e de duas crianças que queriam atividades todos os dias, além das nossas percepções, no meio das conversas e da dança, de que as crianças em muitos momentos se sentiam invisíveis e queriam se fazer visíveis e importantes das formas que tinham à mão. Estas formas, como já foi dito, podiam ser "se mostrar sexualmente" ou causar conflitos, mas ao virem na dança do ventre também começaram a se vestir com lindas roupas de dança, a se maquiar, a dançar improvisadamente para serem vistas, a fazerem apresentações nos eventos da associação e a inventar pequenas cenas de teatro para quem estivesse no Ciranda. Se Gilberto Dimenstein (2006) tem razão no seu argumento de que a violência é diretamente proporcional à invisibilidade que as pessoas sentem, é relevante trabalhar neste sentido, porque as crianças são cidadãs que têm o direito de se sentirem visíveis através de ações que possam ser alternativas às músicas hipersexuais e ao sexo banal, de forma a propiciar opções de escolha e

possibilidades de debate crítico. E a universidade pública tem o dever de se engajar no processo de garantir os direitos das crianças às políticas públicas e aos espaços gratuitos e de qualidade.

A partir da oficina de dança do ventre foram criadas ou recriadas outras nove: música, danças árabes (com mais umaicineira), canto coral ("brincadeira cantada"), balé, ioga, leitura ("cantinho da imaginação"), futsal, arte para crianças ("Cirandinha") e cinema. Estas são desenvolvidas por psicólogos formados pela UEL (ex-estagiários que se encantaram com o processo) e por estudantes de Psicologia dessa universidade, junto com pessoas do bairro. Também tem uma psicóloga que atende durante duas horas semanais e proximamente haverá atividades arteterapêuticas com famílias. Assim, exerce-se o direito à cultura, ao esporte e à saúde em um lugar com pouco acesso a políticas públicas nestas áreas. Tais atividades acontecem de forma participativa, o que por vezes é muito caótico e nos faz repensar constantemente as contradições vividas; mas, ao mesmo tempo, é um processo honesto e com intensos momentos de beleza em que, como diz Galletti (2001), as oficinas artísticas vão diluindo a separação entreicineiro (ou terapeuta), "paciente" e familiares, trabalhando com a potência das pessoas e não unicamente com seu sofrimento, sem cindir a psicologia da vida, nem a clínica do social, e produzindo reverberações que vão deixando suas pequenas ou grandes marcas em todos nós e no bairro.

b) Quanto aos eventos ou micro-eventos, as aulas de dança do ventre têm grande espaço para a improvisação das meninas e para mostrar suas realizações dentro do Ciranda, já que nesse espaço há um fluxo de pessoas vinculadas de uma ou outra forma à associação. Também ocorreram apresentações na escola das meninas e na casa da Alejandra. Atualmente estamos trabalhando numa apresentação que fará parte do espetáculo da Rhamza Alli Companhia de Danças Árabes, em novembro de 2012, no teatro mais elegante da cidade. Outrossim, as crianças estão pedindo passeios para lugares fora do bairro, aos quais elas normalmente não têm acesso.

c) As curta-metragens sobre este processo começaram a ser realizadas a partir dos efeitos da oficina de cinema e do estudo dos efeitos da mídia comunitária quanto à "visibilização" do cotidiano das pessoas de bairros usualmente "invisíveis", que aparecem na mídia quase exclusivamente atrelados ao crime. Estamos utilizando-nos de



um método que recentemente começou a ser mais usado na Psicologia: a transmissão midiática das atividades do Ciranda com a filmagem e apresentação de vídeos. Isso tem mostrado efeitos: os filmes em que as crianças podem se ver e se escutar têm muito mais sucesso entre elas do que os filmes (comerciais ou não) com temáticas alheias a eles.

Na oficina de cinema foram realizados quatro curta metragens com este viés: o primeiro foi "Ciranda da cultura, Ciranda da vida", sobre as atividades do Ciranda em 2009. O segundo foi "Tardes na Ciranda", sobre os três dias de atividades da Biblioteca Viva Itinerante com as crianças, mostrando a grande participação nas diversas atividades e oficinas que eles organizaram. O terceiro filme foi "Campos Verdes", sobre as belezas e dificuldades do bairro mais precário do setor, que deu pé a uma rica discussão e ampliação do filme. Também tivemos o vídeo "Mulhermorfose", que mostrava as crianças dançando na oficina de dança do ventre e apresentava a dança como uma forma de resistência à violência que as mulheres têm vivido até hoje. Atualmente estamos editando um curta sobre todas as atividades e oficinas do Ciranda, com a fala dos/das participantes no processo, que será mostrado em diversos espaços do bairro e fora dele e depois será discutido com os moradores. Este processo corresponde a um tipo de mídia comunitária que Peruzzo (s.d.) denomina TV de rua, com produções audiovisuais que são mostradas na rua ou em diversos espaços comunitários.

Todas estas ações nos fazem pensar que um lugar autogerido que propicia toda esta vida é uma forma de resistência à mídia hegemônica. Embora seja um espaço pequeno e talvez ínfimo frente ao horror existente, ele propicia uma intensidade nos encontros que gera formas de beleza e vida forte. Na terminologia da Luta Antimanicomial, o Ciranda seria análogo a um centro de convivência: um lugar onde se trabalha com a convivência cidadã das pessoas mais diversas, em grupos heterogêneos, através de oficinas de convivência e criação, de forma horizontal (Cambuy, 2007). Só que é mais livre, autogerido e desordenado, pelo qual seria mais parecido com o que no Estado Espanhol se denomina "centro social okupado" (León Cedeño, 2006). Nas palavras de Peter Pál Pelbart (2003), o Ciranda seria uma rede coletiva de autovalorização; uma forma alternativa de resistir criando e de protestar contra o estado de coisas.

### **Discussão: a importância da pertença e da visibilidade**

Estando, ainda, no meio deste processo de pesquisa e ação no cotidiano, vemos que a apropriação da oficina de dança do ventre por parte das meninas, com a concomitante apresentação de passos de funk e músicas sexualizadas, foram um dispositivo que nos levou a construirmos coletivamente formas de resistência e criação, exercendo, através da construção destas alternativas, um protesto cotidiano e local perante o que a mídia comercial oferece como opções de cultura e lazer. Isso aconteceu em parte pelo desejo de entender o que essas músicas e danças queriam dizer para as meninas e, caso estivessem influenciando-as fortemente, como poderíamos criar opções viáveis de resistência a estas questões, oferecendo alternativas diferentes ao sucesso da mídia comercial mundial, erótica e banalizada.

Ao pensarmos os sentidos das músicas e danças sexualizadas para as crianças do Ciranda, deparamo-nos com um emaranhado de sentimentos. Entretanto, os dois processos que parecem-nos estar mais relacionados com a subjetivação das crianças são a necessidade de **pertença** e de **visibilidade**, nos mais variados níveis, desde o mais singular de cada uma, o desejo de pertença e apoio familiar, o desejo de ser aceita pelos amigos e colegas da escola, de ter um cotidiano com atividades interessantes, de vivenciar relações de gênero menos machistas, violentas e abandonadoras, de formar parte de um bairro, até chegar a uma dimensão mais ampla da sociedade contemporânea: uma sociedade que cobra ter acesso a mercadorias às quais elas não podem acessar, mas que podem expor o corpo ou transar como forma de inclusão social.

No entanto, é preciso tomar estas considerações com leveza, porque apesar de que há, sim, uma sexualização mais precoce em algumas crianças, não é em todas, não é a todo momento, e cantar e dançar estas músicas não é o mais prioritário da vida delas, nem é seu "problema" mais urgente. Apesar do chocante que possa ser deparar-se com as crianças cantando e dançando músicas totalmente impróprias para a sua idade, é importante destacar que tem muito de lúdico nessas práticas, principalmente nas crianças mais novas quando dançam funk ou cantam letras sexuais: imitam o que observam, se divertem com isso e se sentem incluídas (**pertencentes**) e **visíveis**. No

caso das pré-adolescentes e adolescentes, tem um pouco do lúdico ainda, mas também se utilizam dessa forma de expressão para contar suas questões sobre ser mulher num espaço explicitamente dedicado a isso: a oficina de dança do ventre. Elas contam -verbalmente ou com o corpo, informalmente ou conversando entre elas para serem escutadas por todas- sobre o despertar mais explícito do interesse em temas sexuais; contam sobre o despertar do corpo e a necessidade de sentir-se belas (**visíveis**) e importantes (**pertinentes**).

Pode haver uma influência da mídia nos interesses sexuais das crianças, e de fato estamos registrando enquanto sociedade uma sexualização que desabrocha em idades cada vez menores. Contudo, é difícil separar a influência midiática da presença ativa da família na vida da criança: as crianças que mais vivenciam a implosão da família, ou que sentem uma ausência dos pais por diversos motivos, podem interessar-se mais precocemente em "ficar" com os meninos e começar a fazê-lo de fato. Em crianças que têm uma mãe e, em alguns casos, um pai mais próximo, talvez haja uma maior possibilidade de "retrasar" o momento do interesse pelos meninos. Isso de jeito nenhum é uma regra fixa, nem muito menos universal. Só que aparentemente está acontecendo em alguma medida com estas crianças, e faz sentido, posto que, por um lado, sem uma família que seja sentida como acolhedora pode ser mais fácil buscar atenção em possíveis parceiros ou namorados. Por outro lado, elas ficam mais expostas às músicas e programas hipersexuais da grande mídia se não têm familiares por perto exercendo alguma fiscalização do que elas vêem ou escutam. E por outro, ainda, pode haver uma tendência a repetir histórias duras vividas pela família em gerações anteriores.

Vistas estas possibilidades, o Ciranda pode se entender como uma rede de apoio ampliada, como um espaço de cuidado junto à família ou para além dela, que pode proporcionar carinho a quem lá participa, que constrói possibilidades de cultura, esporte e lazer que combatem o sentimento de invisibilidade e enriquecem o cotidiano das crianças (Tejadas, 2007). Como dito acima, o Ciranda seria uma rede coletiva de autovalorização, que, de acordo com Pélbart (2003), é uma forma de resistir às subjetividades capitalísticas criando novas relações e formas de vida, tais como os curta metragens em que elas podem se ver construindo pequenas belezas no cotidiano da associação.

Vale destacar que algumas letras de funk cantadas por mulheres podem ter um paradoxal sentido de resistência frente às relações de gênero ora desiguais e ora violentas: em um lugar atravessado por práticas religiosas rígidas por parte de muitas mulheres, que apresentam a sexualidade como pecado, e diante da violência contra a mulher como um fato que não raramente acontece na nossa sociedade, escutar uma mulher falando explicitamente dos seus desejos ou realizações sexuais pode ser motivo de sorrisos perante uma postura menos "beata" e talvez, em algum sentido, menos vítima das relações violentas de gênero.

Nesse sentido, é importante dizer que algumas conversas cotidianas das meninas sobre seus parceiros possíveis (ou com quem já têm alguma vinculação) não têm conotação amorosa; misturam a curiosidade com a descrença em que os homens possam oferecer um amor estável ou cuidar dos filhos/as que têm. Tal sentimento não é estranho se pensamos que estamos em uma cultura em que boa parte das mulheres cuida da casa e dos filhos de forma preponderante, ou sozinhas. A expectativa sobre o que o homem pode oferecer não parece ser muito elevada entre diversas meninas e mulheres. Nesse sentido, a presença de homens afetivos no Ciranda pode ser, também, uma opção diferente ao cotidiano machista que temos construído socialmente durante séculos.

Em todos estes elementos cotidianos e relacionais da subjetivação aparecem a **pertença** e a **visibilidade**. No caso da compreensão macro, ambos os termos também aparecem, se entendemos a sociedade atual como um megaevento em que o comércio das mercadorias se alterna com o dos corpos; portanto, se não temos dinheiro para consumir, sempre poderemos seguir um outro caminho: usar o nosso corpo para transarmos como o fazem os famosos e sentir-nos, assim, incluídas socialmente. É claro que o consumo das mercadorias e o dos corpos não são mutuamente excludentes, que o sentimento de pertença pela via da entrega sexual do corpo pode se dar em qualquer classe social e que, provavelmente, nesta mistura de mercadorias e corpos se dão diversas combinações possíveis e diversas opções criativas de resistência dentro delas. Mas no caso das pré adolescentes com que nos relacionamos, a opção de pertencer via compra de mercadorias existe de formas pequenas ou é praticamente inexistente; assim, a entrega do corpo pode se tornar uma opção possível, enquanto a compra de mercadorias dificilmente pode se viabilizar. Em segundo lugar, e estreitamente relacionado com a

falta de pertença e de afetos fortes que façam sentido, temos o sentimento de invisibilidade e a percepção de que é possível fazer-se visível tornando-se sexualmente desejável e, portanto, alvo dos olhares, comentários e desejos de outrem. Por isso a oficina de dança do ventre trabalha com a ideia de que dançamos para nós mesmas, para sentirmo-nos rainhas ou princesas, e não para sermos objeto do olhar masculino. Somos visíveis para nós mesmas, para cada uma singularmente, para as outras enquanto agrupamento, enquanto "nós" que pode ser confuso e conflitivo, mas tem um sentido coletivo de pertença e visibilidade.

Se seguíssemos a leitura midiática que Adorno e Horkheimer fizeram sobre a indústria cultural, diremos com pessimismo que as crianças e adolescentes estão sendo influenciadas pela transmissão constante de letras, músicas e coreografias sexualizadas que vivem, e que isso tem o objetivo de deixá-las mais passivas quanto à transformação da ordem social existente. Provavelmente esse objetivo de gerar passividade está presente mesmo: a dominação e o controle são mais fáceis quando as pessoas não estão conectadas com os acontecimentos nacionais e internacionais por estarem ligadas a um prazer imediato. Assim como a disseminação do álcool entre os operários da Revolução Industrial acabou minimizando os protestos e a organização em movimentos trabalhistas, a disseminação do sexo banal -na qual são gastos milhões de reais- também pode reduzir o interesse crítico pelo que acontece à nossa volta.

Por outro lado é preciso lembrar que, como apontaram os teóricos que se preocupam com as formas de recepção da grande mídia, cada pessoa pode entender a mídia e resistir a ela de formas singulares ou coletivas. Formas que dizem respeito a exercer o direito à beleza (León Cedeño, 2012), entendida aqui como a possibilidade de conviver com as mensagens da mídia de forma leve e construir outras opções, que sejam críticas e, sobretudo, mais belas. E vemos isso no dia a dia do Ciranda, apesar dos pesares.

Aqui aparece uma questão: como podemos construir formas sadias de expressão da sexualidade sem cair na hipersexualidade que a grande mídia apresenta? Nesse sentido, a dança do ventre é uma "redução de danos" do funk e demais ritmos eróticos, posto que possibilita a expressão da sensualidade e das mais diversas emoções que se vivem no dia-a-dia, mas de forma sutil e forte ao mesmo tempo, prezando pela beleza e

não pela vulgaridade, fazendo tudo sem pressa, centrando-se e pensando-se enquanto criança ou adolescente poderosa. Essa interpretação da dança possibilitou fazer um diálogo corporal desta dança com o funk, como num repente, "traduzindo" os passos vulgares por equivalentes elegantes na dança do ventre, junto com o bordão "dança do ventre é funk de rainha: faz tudo de perna fechadinha".

A partir da discussão, junto às meninas, das formas de violência que vivem no seu cotidiano e das letras de músicas sexualizadas que se referem às mulheres de forma violenta, defendemos que a dança do ventre pode ser praticada como uma dança pela vida forte e contra a violência. Essa impressão se confirma ao pensarmos nas pioneiras desta dança, ciganas que saíram a pé do norte da Índia e atravessaram, caminhando, este país, além do Paquistão, o Irã (antiga Pérsia), o Iraque (antiga Mesopotâmia), a Jordânia, para chegar no Egito, berço da dança do ventre enquanto tal. Foram morar no deserto egípcio, sem água, sem luz, sem casa, com pouquíssimas coisas. Através da beleza dos movimentos, aquelas mulheres podiam ressignificar a violência que viviam, semeando beleza em um chão estéril, usando as armas de guerra para fazer arte e convertendo a violência machista em passos de dança. Na atualidade, a dança pode continuar sendo usada contra a violência. E o é, mesmo que de formas moleculares e aparentemente insignificantes, mas -diria Guattari- não por isso menos revolucionárias.

A partir daqui, vemos a importância de abrir mais atividades específicas para adolescentes de ambos os sexos, incluindo oficinas de educação sexual para discussão mais aprofundada destas questões.

### **Considerações finais: A que resistimos? O que criamos?**

No cotidiano artístico e libertário do Ciranda, estamos construindo uma abordagem política para entendermos e criticarmos a contemporaneidade preñe de subjetividades capitalísticas. Seguindo Peter Pál Pélbart (2003), a criação social caótica que se vive no Ciranda (ou seja, a invenção de novas formas de associação, sociabilidade e visibilização), a criação cultural que se vive na associação (invenção de sentidos, linguagens e valores) e a criação subjetiva que se desprende desse processo "instauram processos positivos e singularizantes, capazes de funcionar como resistência

num contexto de homogeneização", no caso, de disseminação massiva do sexo banal (p. 132). Isto se dá de forma conflitiva e não idealizada, o que torna o processo mais belo ainda.

Como caracterizar a resistência neste processo? De acordo com Pélbart (2003), podemos entendê-la no sentido da Multidão, "pensada enquanto multiplicidade heterogênea, não-unitária, não-hierárquica, acentrada e centrífuga" (p. 133). A multidão, ou associação de singularidades, seria uma "figura subjetiva não identitária, que não delega poderes nem pretende conquistar o poder, mas desenvolver uma nova potência de vida, de organização, de produção" (p. 133). O Ciranda contempla movimentos com direções múltiplas, com "inteligências e sensibilidades heterogêneas, que inventam não só modos próprios de produzir, de habitar, de trocar, de construir, mas também de relacionar-se, de afetar-se, de subjetivar-se, de protestar" (p. 133). Assim, segundo o autor, houve uma mutação na lógica da resistência, que passou de ser entendida apenas como a luta pela tomada do poder, com posições fortemente identitárias, e atualmente abre passagem para posicionamentos mais oblíquos, híbridos e, diríamos neste caso, cotidianos, como as rede sociais de autovalorização que, defendemos, se constituem no Ciranda, nas suas oficinas criativas, nos eventos inventados pelas meninas para que outras pessoas possam vê-las apresentando sua potência, nos documentários que visibilizam o processo atual.

A que resistimos neste processo? Às subjetividades cada vez mais tomadas pela lógica do capital e pela mídia hegemônica, à mercantilização do corpo, às diversas formas de violência, ao padrão de beleza que exclui outras possibilidades de corpo e de subjetividade, ao sentimento de invisibilidade e desamparo vivido por diversas crianças. A oficina de dança do ventre, bem como as outras oficinas, os curta metragens e os microeventos convergem nesse sentido, associando-se numa lógica de "Multidão". Mas também, necessariamente, hoje devemos resistir, mesmo que em pequenos eventos cotidianos, ao sistema financeiro mundial que tira o dinheiro dos trabalhadores para auxiliar os bancos, à privatização dos serviços e espaços públicos, aos assassinatos decorrentes do tráfico de drogas, à violência de um ambiente cada vez mais poluído, desmatado e privatizado. Chegou o momento em que as lutas precisam convergir e se unir para poder ter algum impacto na resistência. Dentro disso, as danças e músicas que

as meninas cantam de vez em quando não são tão graves assim. Dentro disso, às vezes sentimos impotência com nossos micro gestos perto da magnitude do horror existente. Mas vamos tecendo o direito à beleza numa rede de milhares de pequenos gestos e protestos. E isso faz sentido para as crianças e adultos do Ciranda, e para nós, que também fazemos parte. Então precisamos fazer, estudar e lutar pela vida forte neste âmbito, lembrando das palavras de um fotógrafo ecologista: é tarde demais para ser pessimista.

### **Referências**

Cambuy, K. (2010). *Experiências Comunitárias Em Saúde Mental: Repensando A Clínica Psicológica No SUS*. Tese (Doutorado em Psicologia). Universidade Estadual de Campinas - Centro de Ciências da Vida, Pós-graduação em Psicologia, Campinas.

Deleuze, G. (1992). Post-scriptum sobre as sociedades de controle. *Conversações: 1972-1990*. Rio de Janeiro: Ed. 34, p. 219-226.

Dimenstein, G. (2006). *O mistério das bolas de gude: histórias de humanos quase invisíveis*. Campinas: Papirus Editora.

Galletti, M.C (2001). *Oficina em Saúde Mental: instrumento terapêutico ou intercessor clínico?* Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Pós-graduação em Psicologia Clínica, São Paulo.

Haraway, D. *Ciencia, cyborg y mujeres. La reinvención de la naturaleza*. Valencia: Cátedra, 1995.

León Cedeño, A. (2006). *Emancipação no cotidiano: iniciativas igualitárias em sociedades de controle*. Tese (Doutorado em Psicologia Social). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Pós-graduação em Psicologia Social, São Paulo.

León Cedeño, A. (2010). Danzando la Psicología Comunitaria: revisitando la IAP a partir de la experiencia de danza en una asociación cultural de barrio. *Athenea Digital*, No. 17: 255-270, marzo. Disponível em:

<http://psicologiasocial.uab.es/athenea/index.php/atheneaDigital/article/viewFile/653/510>

León Cedeño, A. (2012). *Psicología Comunitaria de lo Cotidiano: Arte y acción psicosocial en Londrina (Brasil)*. Saarbrücken: Editorial Académica Española.



Montero, M. (1984). *Psicología Social Comunitaria: Teoría, Método y Experiencia*. México: Universidad de Guadalajara, 1994.

Pélibart, P.P. (2003). *Vida capital. Ensaio de biopolítica*. São Paulo: Summus.

Peruzzo, C. M. K. (s.d.). *TV Comunitária no Brasil: Aspectos Históricos*.

Disponível em: <http://webmail.uel.br/src/webmail.php>

Spink, M. J. P. (2007). Pesquisando no cotidiano: recuperando memórias de pesquisa em Psicologia Social. *Psicologia e Sociedade*, v.19 n.1 Porto Alegre jan./abr.

Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-71822007000100002&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822007000100002&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt)

Spink, P. (2003). Pesquisa de campo em Psicologia Social: uma perspectiva pós-construcionista. *Psicologia e Sociedade*, 5 (2), 18-42.

Spink, P. ( ). O pesquisador conversador no cotidiano. *Psicologia e Sociedade*, 20 (1).

Tejadas, S. S. (2007). *Juventude e ato infracional: as múltiplas determinações da reincidência*. Porto Alegre: EDIPUCRS.